



ISSN: 2358-8829

A CONSTRUÇÃO DO SER UNIVERSITÁRIA: REFLEXÕES DOS TRAJETOS UNIVERSIDADE-CASA

Josefa Jaqueline Batista Brito¹
Kássia Mota de Sousa²

RESUMO

O presente estudo é um desdobramento da monografia de conclusão de curso intitulada “A construção do ser universitária: reflexões acerca dos percursos casa-universidade-casa”, desenvolvida no curso de Pedagogia, do Centro de Formação de Professores – CFP, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, campus Cajazeiras-PB. Nesse trabalho, proponho apresentar o projeto da minha pesquisa de conclusão de curso, com foco no referencial teórico utilizado para refletir sobre as experiências, vivências, trajetos, percursos e identidades de mulheres diversas, mães, trabalhadoras, estudantes, negras, brancas e tantas outras. O objetivo da monografia é refletir sobre a mobilidade das graduandas da UFCG nos percursos casa-universidade-casa a partir das experiências subjetivas de universitárias moradoras de comunidades rurais, cidades e Estados fora da cidade do campus da UFCG, na cidade de Cajazeiras-PB. Metodologicamente, optamos por uma abordagem qualitativa através da pesquisa narrativa, uma técnica de entrevista desenvolvida por Fritz Schutze, na década de 1970, que teve como intuito romper com a tradicionalidade de perguntas e respostas no desenvolvimento de produções de dados em pesquisas sociais (SCHUTZE, 2011 *apud* SOUSA et al.; 2021). Essa técnica, segundo Sandra Jovchelovitch e Martijn Bauer (2002 *apud* SOUSA et al.; 2021), objetiva a reconstrução dos acontecimentos por meio da perspectiva das narradoras. A pesquisa é teoricamente amparada em autoras decoloniais, como Conceição Evaristo (2005-2020), Gloria Anzaldúa (2000), Djamila Ribeiro (2021), entre outras. Com base nos escritos de Lino; et al.; (2020), o desafio é colocar em evidência a voz de sujeitas historicamente “sem voz”, “subalternas”, e traçar caminhos metodológicos que possam possibilitar ouvi-las, apontando para as formas que a desigualdade de gênero se apresenta na universidade, denunciando as barreiras tradicionalmente impostas às mulheres, que por séculos, encontram desafios na ocupação dos espaços públicos, que se apresentam como mecanismos de reprodução e criação de barreiras para acesso e permanência das mulheres na universidade.

Palavras-chave: Universidade, Gênero, Identidades, Mobilidades.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é um desdobramento da monografia de conclusão de curso intitulada “A construção do ser universitária: reflexões acerca dos percursos casa-universidade-casa”, desenvolvida no grupo de estudos sobre Gênero, Interseccionalidade e Parentalidade na

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras – PB, britojaqueline249@gmail.com.

² Professora da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, campus Cajazeiras – PB, kassia.mota@professor.ufcg.edu.br.

Educação – GIPE/CFP/UFCG, com contribuições do Laboratório de Cartografia e Geoprocessamento – LACARGEO/CFP/UFCG, no curso de Pedagogia, do Centro de Formação de Professores – CFP, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, campus Cajazeiras-PB.

Nesse trabalho, proponho apresentar o projeto da minha pesquisa de conclusão de curso, com foco no referencial teórico utilizado para refletir sobre as experiências, vivências, trajetórias, percursos e identidades de mulheres diversas, mães, trabalhadoras, estudantes, negras, brancas e tantas outras. A monografia objetiva refletir sobre a mobilidade das estudantes nos percursos casa-universidade-casa, levando em consideração as experiências subjetivas de universitárias diversas, moradoras de comunidades rurais, de cidades e estados fora da cidade do campus universitário que fica localizado em Cajazeiras, no Alto Sertão Paraibano. A pesquisa é amparada teoricamente em autoras decoloniais a exemplo de bell hooks³ (2018), Conceição Evaristo (2007-2020), Gloria Anzaldúa (2000), entre outras.

A seguir, será apresentado brevemente sobre o referencial teórico utilizado no Trabalho de Conclusão de Curso – TCC citado anteriormente. É uma pesquisa que apresenta reflexões sobre a “escrivência”, a escrita de si, o lugar de fala, a “subalternidade”, mobilidades, entre outras questões. Posteriormente, iremos abordar sobre a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa, como o tipo de pesquisa e os procedimentos usados para coletar e analisar os dados. Também iremos apontar os resultados encontrados a partir do referencial teórico e levantar discussões sobre os apontamentos.

UNIVERSITÁRIAS E ESCRIVÊNCIAS: UMA BREVE APRESENTAÇÃO DA BASE TEÓRICA DE UMA MONOGRAFIA

Trabalhamos amparadas no feminismo decolonial, por entendemos que, na monografia, a categoria possibilita discutir teoricamente e colocar em evidência os diversos atravessamentos historicamente postos nas trajetórias de vidas de mulheres pobres, negras, lésbicas entre outras, e por oportunizar que suas vozes não sejam silenciadas em espaços públicos, como a universidade, o que contribuiu, como afirma Akotirene (2019), para um

³ O nome bell hooks grafado em todo minúsculo, é um pseudônimo político usado por Gloria Jean Watkins, que se recusa a seguir as normas postas pela academia, ao tempo que também é uma homenagem a sua avó.

posicionamento dessas mulheres frente as opressões a elas postas, desfazendo ideias da existência de um único feminismo global e com voz única.

Na base teórica da pesquisa, foi levantado reflexões sobre o processo da escrita de si e as vivências e experiências individuais de mulheres, que mesmo com aspectos subjetivos, abarcam uma coletividade, pois são comuns umas às outras. As principais categorias que trabalhamos foram: a escrita “subalterna”, a “escrivência”, a escrita de si, o lugar de fala, mobilidades e interserccionalidades. Nesse trabalho entendemos que, se tratando de um ato desenvolvido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais distintos dos lugares que são ocupados pelas elites, escrever adquire um sentido de insubordinação, que se apresenta, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, como o exemplo de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, catadora de papel, pertencente as camadas populares, como também, pela escolha da matéria narrada (Evaristo, 2005).

A categoria “escrivência” foi criada pela escritora brasileira Conceição Evaristo e citada a primeira vez pela autora em sua dissertação de mestrado, no ano de 1995. A Escrivência representa para a autora uma concepção inicial que se realiza a partir do ato da escrita das mulheres negras. É uma ação que busca borrar e desfazer uma imagem do passado em que as mulheres negras tinham seus corpos e suas vozes escravizadas e silenciadas pelos escravocratas. A escrivência coloca em evidência a experiência e a vivência das brasileiras enquanto sujeitas de origem africana, mulheres que possuem uma nacionalidade hifenizada, ou seja, que possuem mais de uma nacionalidade. A partir de seus escritos, Evaristo se coloca e se pronuncia para afirmar sua origem de povo africano e celebrar a sua ancestralidade. A sua forma de escrita abre portas para que outras mulheres negras e pobres se reconheçam como escritoras (Fonseca 2020 *apud* Duarte; Nunes, 2020). Em entrevista a autora disse:

“O que eu tenho pontuado é isso: é o direito da escrita e da leitura que o povo pede, que o povo demanda. É um direito de qualquer um, escrevendo ou não segundo as normas cultas da língua. É um direito que as pessoas também querem exercer. Então Carolina Maria de Jesus não tinha nenhuma dificuldade de dizer, de se afirmar como escritora. (...) E quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado, né? A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. (...) Então eu gosto de dizer isso: escrever, o exercício da escrita, é um direito que todo mundo tem. Como o exercício da leitura, como o exercício do prazer, como ter uma casa, como ter a comida (...). A literatura feita pelas pessoas do povo, ela rompe com o lugar pré-determinado” (Conceição Evaristo, em entrevista concedida ao blog, Blogueiras Feministas – De olho na Web e no mundo, em 30 de setembro de 2010).

A partir desse pensamento de Evaristo (2010), apresentamos a escrita “subalterna”, que é uma forma de romper com as hierarquias de gênero, que por séculos, colocam grupos marginalizados, como pessoas periféricas e negras, como sujeitas que são silenciadas e não possuem representatividade social e política na sociedade (Spivak 2010 *apud* Lino *et al* 2020). O silenciamento posto frente a essas mulheres se constituem como estratégias que contribuem para que permaneçam a margem da sociedade, silenciadas a partir do “outro do outro” (Ribeiro, 2021). A “subalterna” é colocada em uma posição que precisa de alguém que represente a sua condição de silenciada, para Spivak (2010 *apud* Lino *et al* 2020), existe uma relação direta entre falar e representar, ambas podem cair no vazio de invisibilizar a “subalterna”, pois para que exista um diálogo é necessário um ouvinte e um falante, entretanto, para a “subalterna”, historicamente, não existe esse espaço dialógico, já que são silenciadas na voz do outro.

A escrita “subalterna” é entendida como uma forma de possibilitar que as vozes das sujeitas que foram/são historicamente compreendidas como “sem voz” na sociedade como as mulheres negras, as lésbicas e tantas outras, possam, a partir de seus escritos, adentar o âmbito acadêmico com suas vivências e experiências. Essa escrita é uma forma de romper com as hierarquias postas na academia que determinam quem pode escrever e o que escrever. Estes escritos “subalternos” possuem o desafio de romper com a “invisibilidade”, com o silêncio dos escritos e a existência das “subalternas” na ciência, colocando em evidência suas experiências como forma de produção de conhecimento, resistindo em espaços que não foram pensados para as “subalternas” (Lino *et al* 2020).

Nessa perspectiva, Anzaldúa (2000), aponta que a escrita de si foi necessária para salvá-la dos medos que a amedrontam, é uma forma de mantê-la viva, é registrar o que os outros não falam das mulheres negras, é colocar ordem no mundo, e a partir disso, colocar uma alça para conseguir segurá-lo. A autora ressalta que essa forma de escrita é uma maneira de acalmar o que a vida não acalma, seus apetites e sua fome, ao descrever que “o que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros” (Anzaldúa, 2000, p.233). A partir desses escritos é possível compreender e refletir que a escrita e a vida estão interligadas, e que também, é preciso colocar a vida no papel para tornar a escrita significativa.

A escrita de si possibilita conhecimentos e reflexões sobre as experiências e vivências de uma coletividade de mulheres e contribuem para a construção de identidades marcadas por intersecções. A interseccionalidade é uma forma de reforçar cruzamentos de marcadores de diferenças em detrimento a outros que se tornavam secundarizados, como raça, classe e gênero. Assim, os caminhos de várias mulheres estão interligados por compartilharem vivências que

são comuns umas às outras, que evidenciam o quanto suas vidas, mesmo com aspectos subjetivos, se inter cruzam. Essas diferentes trajetórias colocam em evidência o legado de luta, a partilha de caminhos de enfrentamento ao racismo e ao sexismo de mulheres que compartilham processos de resistências (Ribeiro, 2021).

O termo interseccionalidade foi criado em 1989 pela teórica feminista estadunidense Kimberlé Crenshaw (1991), com a publicação do artigo “Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics” em tradução “Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: Uma feminista negra crítica da doutrina antidiscriminatória, da teoria feminista e políticas antirracistas”. É importante destacar que existem diferentes perspectivas sobre a forma como a autora reflete e propõe a interseccionalidade (Henning, 2015). O termo começou a ser popularizado na academia somente no ano de 2001, após a Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, realizada na África do Sul. Outro ponto fundamental a ser destacado é que, muito antes desses acontecimentos, em 1851, a ativista ex-escravizada, Sojourner Truth, seguidas por militantes estadunidenses do movimento negro que antecedem Crenshaw, já apontavam a desigualdade de gênero a partir de um ponto de vista racial (Henning, 2015).

Ribeiro (2021), é clara e objetiva ao dizer que todo mundo tem lugar de fala, um lugar onde se rompe o silêncio posto para quem foi socialmente e historicamente compreendidas como sujeitas “subalternizadas”, um movimento de rompimento das hierarquias, pois, essas mulheres não são vozes de ninguém, são mulheres que se levantam, reivindicam seus direitos e sua humanidade, que por muito tempo, foi/é roubada. Quando Gonzalez (1984, p.225) diz que, “o lixo vai falar, e numa boa”, é uma forma de romper com essa hierarquia, de criticar as teorias e os teóricos que falam pela e com a “subalterna”, mas que nunca irão dar espaço para que a “subalterna” fale (LINO *et al* 2020).

Todas as pessoas possuem lugares de fala, e isso remete a localização social, a partir desse lugar, é possível refletir e discutir criticamente sobre as diversas temáticas presentes na sociedade. Na sociedade brasileira, marcada por uma herança escravocrata, as pessoas negras irão ter a experiência do racismo do lugar de quem é o centro dessa opressão, um lugar que também restringe oportunidades devido estes mecanismos de opressões. E pessoas brancas irão ter experiências a partir de outro lugar, o de quem é beneficiado dessa mesma opressão, assim, os dois grupos podem e devem discutir e refletir sobre essas questões, mas é evidente que falarão de lugares distintos (Ribeiro, 2021).

Em consonância ao pensamento de Ribeiro (2011), é necessário discutir sobre a localização social e também territorial em que estas mulheres estão situadas, ambas contribuem para a construção de identidades. Para isso, é importante conhecermos termos como migração, mobilidade espacial e mobilidade pendular. Ojima e Campos (2021), descrevem a migração como movimentos de pessoas que mudam de residências em unidades administrativas, geográficas ou políticas diferentes, o mesmo autor compreende a mobilidade pendular como deslocamentos realizados diariamente entre municípios, que podem ocorrer por diversos fatores como: trabalho, estudo ou tratamento de saúde, ainda aponta a mobilidade espacial, que corresponde a realização de curtas distâncias, como mobilidade dentro da mesma localidade ou de curta duração, o que inclui os movimentos pendulares.

Assim, é preciso atentar para os espaços sociais e as localidades territoriais das quais as “subalternas” falam. Alcoff (2016 *apud* Ribeiro, 2021), reflete sobre esses apontamentos chamando a atenção para a compreensão de que descolonizar o conhecimento é um processo contínuo, e que é preciso observar como as identidades sociais veem sendo (re)construídas ao longo dos séculos, não só para mostrar como esse processo de colonização tem criado essas identidades, mas para apontar como certas identidades tem sido historicamente silenciadas ao tempo em que outras são fortalecidas.

METODOLOGIA

A monografia foi desenvolvida através de uma abordagem qualitativa, Chizzotti (2000), aponta que os/as pesquisadores/as que trabalham com essa abordagem se dedicam a analisar os significados que as pessoas dão a suas ações, a partir das relações sociais que ocorrem nos meios em que estão inseridas. Trabalhamos com a pesquisa narrativa, que é uma técnica de entrevista desenvolvida por Fritz Schutze, na década de 1970, que teve como intuito romper com a tradicionalidade de perguntas e respostas no desenvolvimento de produções de dados em pesquisas sociais (Schutze, 2011 *apud* Sousa et al.; 2021). Essa técnica, segundo Sandra Jovchelovitch e Martisn Bauer (2002 *apud* Sousa et al.; 2021), objetiva a reconstrução dos acontecimentos por meio da perspectiva das narradoras.

Foi realizada no Centro de Formação de Professores - CFP, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, campus Cajazeiras – PB, tendo como colaboradoras quatro (4) graduandas do referido Centro. Não foi escolhido curso/s ou período/s específicos, sendo divulgada virtualmente no campus universitário através de um formulário do *google forms* durante 1 (uma) semana. O formulário foi usado para divulgar a pesquisa no campus

universitário, para escolher as colaboradoras da pesquisa e para o mapeamento dos percursos que representam a mobilidade das graduandas nos percursos casa-universidade-casa.

As Entrevistas Narrativas foram realizadas durante 1 (uma) semana através da plataforma digital *google meet*, agendadas de acordo com a disponibilidade de dias e horários das colaboradoras e áudiogravadas. Na análise de dados mapeamos os percursos casa-universidade-casa das colaboradoras, apontamos os meios de transportes utilizados nos percursos casa-universidade-casa das colaboradoras e analisamos as narrativas das universitárias a partir de 3 (três) eixos estruturantes que foram: 1) as experiências subjetivas antes de adentrarem a universidade e os processos que desencadearam o acesso e a permanência na UFCG; 2) a realização dos percursos casa-universidade-casa, os meios de transportes utilizados e as implicações presentes; 3) os desafios e possibilidades que atravessam a construção de suas identidades e que marcam suas trajetórias enquanto universitárias a partir dos percursos casa-universidade-casa.

ANÁLISE E DISCUSSÕES

Os escritos pontuados na pesquisa evidenciam a necessidade de questionar o saber hegemônico, colocando em prática outros saberes, como a escrita de si, que transitam entre a fala e o silêncio, entre a ausência de uma produção que faça que as vozes das "subalternas" sejam ouvidas e denunciem uma história que se perpetua através de uma ciência imperialista, que possui gênero e raça (LINO et al 2020). Assim, pensar e efetivar uma escrita a partir das próprias vivências e experiências se constitui um grande desafio, que junto a esse coletivo de mulheres, universitárias estudantes, professoras, teóricas negras nos propomos a romper com as hierarquias a nós postas, compreendendo que, como aponta Evaristo (2005), o ato de ler oportuniza a apreensão do mundo e o da escrita ultrapassa os limites de uma visão de vida, assim, escrevendo colocamos sentido na nossa existência, apontamos e refletimos sobre nós através de palavras, nossas vidas, esperança e processos de resistências.

Assim, as autoras que amparam teoricamente o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, evidenciam que essas mulheres compartilham histórias, que mesmo marcadas por intersecções, partilham experiências e vivências. São mulheres que, escrevendo fora da língua "cultura padrão", estão rompendo com os lugares pré-determinados socialmente para as mulheres negras e pobres, que historicamente, estão à margem da sociedade, e hoje, algumas, ainda não todas, ocupam os lugares sociais que lhes foram negados por séculos. É uma forma de romper com

essas hierarquias e dizer que “nesse trabalho assumimos nossa própria fala. O lixo vai falar e numa boa” (Gonzalez, 1984).

São mulheres que estão a margem de uma sociedade machista, patriarcal e excludente. Mulheres que a partir de seus lugares de falas, se encontram em realidades coletivas. Mulheres que encontram na educação novas perspectivas para melhorar economicamente suas condições de vidas. Mulheres que saem de suas residências e realizam longos percursos para chegar a universidade e voltar para casa almejando um percurso com segurança. Mulheres que não possuem redes de apoio. Mulheres mães. Mulheres lésbicas. Mulheres trabalhadoras domésticas, do comércio e de tantas outras formas. Mulheres que entre tantas questões, passam por situações de violências, de transtornos psicológicos nos meios de transportes, sejam públicos ou privados e na universidade. Mulheres que são cobradas, por inúmeros fatores, e por isso, não conseguem se perdoar. Mulheres que com seus cotidianos e condições financeiras não conseguem vivenciar uma cultura acadêmica. Mulheres que neste trabalho, falam por si. Mulheres que são resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC intitulado “A construção do ser universitária: reflexões acerca dos percursos casa-universidade-casa”, que possui como objetivo refletir sobre a mobilidade das graduandas da UFCG nos percursos casa-universidade-casa a partir das experiências subjetivas de universitárias moradoras de comunidades rurais, cidades e Estados fora da cidade do campus da UFCG, na cidade de Cajazeiras-PB, se constituiu como um grande desafio enquanto pesquisadora. Foi um trabalho construído pelas mãos de muitas mulheres, universitárias estudantes, professoras, mães, negras, brancas, pobres, mulheres que lutam, em meio a tantas dificuldades cotidianas, para acessar e permanecer na universidade, e que, diante de tantos atravessamentos, também encontram possibilidades nesses processos.

O desafio dessa pesquisa foi/é colocar em evidência a voz de sujeitas historicamente silenciadas, “subalternas”, e traçar caminhos metodológicos que possam possibilitar ouvi-las, apontando para as formas que a desigualdade de gênero se apresenta na universidade, denunciando as barreiras tradicionalmente impostas às mulheres, que por séculos, encontram desafios na ocupação dos espaços públicos, que se apresentam como mecanismos de reprodução e criação de barreiras para o acesso e permanência das mulheres na universidade.

A pesquisa almeja contribuir para que estas discussões possam ganhar voz na instituição, e que possa ser reconhecido institucionalmente, que as desigualdades de gênero

existem, e que precisamos não só olhar para elas, mas contribuir para a mudança social, o que é um processo, é a passos lentos, e para que haja mudança é preciso caminhar. Que a universidade caminhe com estas mulheres, que são muitas. Eu esperanço uma universidade igualitária e um mundo melhor para todas nós, mulheres, e é com essa esperança que desejo que esse trabalho contribua para possibilitar que o nosso TCC alcance muitas “subalternas” e que possam, através de seus escritos, de suas vozes, romper com a invisibilidade, com os lugares pré-determinados e que possamos lutar também, pela nossa permanência neste universo acadêmico, buscando políticas e vozes para uma universidade pública, gratuita e socialmente referenciada.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **Informação e documentação — Citações em documentos — Apresentação.** Disponível em:

http://www.cbiotec.ufpb.br/secretariado/contents/documentos/abnt-docs/2023_abnt-10520-citacoes.pdf. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos feministas**. Florianópolis - SC, v. 8, n. 1, p.229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 13 de jul. de 2023.

AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. In: **Feminismos plurais**. (org.) RIBEIRO, D. São Paulo, SP: Sueli Carneiro. Editora: Pólen, 2019, 113p. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7300786/mod_resource/content/1/Interseccionalidade e %28Feminismos Plurais%29 - Carla Akotirene.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7300786/mod_resource/content/1/Interseccionalidade%20e%20Feminismos%20Plurais%29%20-%20Carla%20Akotirene.pdf). Acesso em: 10 de nov. de 2023.

CHIZZOTTI, A. Coleta de dados qualitativos. In: CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000, p.77-87. Disponível em: [http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-1/2SF/Claudio/5Pesquisas em Ciencias Humanas Sociais.pdf](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-1/2SF/Claudio/5Pesquisas%20em%20Ciencias%20Humanas%20Sociais.pdf). Acesso em: 26 de jan. de 2023.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. **Z cultural**. Rio de Janeiro, ago., 2005. p.1-3. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/DA-GRAFIA-DESENHO-DE-MINHA-M%C3%83E-UM-DOS-LUGARES-DE-NASCIMENTO-DE-MINHA-ESCRITA-%E2%80%93-Revista-Z-Cultural.pdf>. Acesso em: 14 de jul. de 2023.

EVARISTO, C. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrivência a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.26-46. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 20 de out. de 2022.

FONSECA, M. N. S. Escrivência: sentidos em construção. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrivência a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.58-73. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 20 de out. de 2022.

GONZALEZ, L. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, 1984, p.223-244. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo%20e%20Sexismo%20na%20Cultura%20Brasileira%20%281%29.pdf). Acesso em: 04 de Set. de 2023.

HENNING, C. E. **Interseccionalidade e pensamento feminista**: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. *Mediações*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015, p. 97- 128. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/18588>. Acesso em: 18 de fev. de 2023.

LINO, T. R.; LIMA, A. M.; ALVES, T. F. Sobre a enunciação de mulheres não brancas na ciência: uma análise da produção intelectual de Gloria Anzaldúa e bell hooks. **Pesqui. prá. psicossociais** [online]. 2020, vol.15, n.3, p. 1-14. ISSN 1809-8908. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v15n3/09.pdf>. Acesso em: 08 de mar. de 2023.

OJIMA R.; CAMPOS J. **Métodos demográficos**: uma visão desde os países de língua portuguesa / Grupo de Foz -- São Paulo: Blucher, 2021. 1030p. Disponível em: https://www.blucher.com.br/metodos-demograficos-uma-visao-desde-os-paises-de-lingua-portuguesa_9786555500837. Acesso em: 24 de ago. de 2023.

RIBEIRO, D. Lugar de fala. In: RIBEIRO, D. **Feminismos plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro. Editora: Jandaíra, 2021, 111p.

SOUSA, K. M; SANTANA, J. S; ROLIM, K. H. B; SILVA, L. L; SOARES, D. P. Negras, mães, educadoras na pandemia: constituição de um corpus metodológico para desvendar `porteira a dentro`. In: SILVA, M. E. M.; COELHO, R. de F. N. (Org.). **Educação e saúde para igualdade em relatos de experiências e pesquisas na pandemia**: foco na educação especial, EJA, indígena, quilombola, básica e superior. 1ed.Fortaleza: Imprece, 2021, v. 5, p.433-448.